

ORAÇÃO DO PARANINFO

(Turma de 1956)

*PROF.º WALTER VELLOSO GORDILHO*

no Auditorio da Reitoria da Universidade da Bahia

em 17 de dezembro de 1956

## ARQUITETOS E PINTORES DE 1956.

Meus queridos afilhados.

No meu espírito sempre prevaleceu o mais elevado conceito de Arquitetura; associando-a sempre a um ideal sublime, e insofismável. E desta concepção espiritual eu sempre lhes dei as mais exuberantes provas de fidelidade, seja dentro da Escola, seja nos meus trabalhos, seja na minha vida profissional.

E deste fato eu estou plenamente consciente.

Muitas e muitas vezes procurei conduzir a vocês, ora nas preleções em aulas, ora em palestras, em que vocês solicitavam a minha colaboração, e de cujos encargos nunca procurei escapar, a chama deste meu sentimento para com a arte, ciência e técnica, sublimadas, que é Arquitetura. E foi justamente para servir com toda a fidelidade, e conscientemente a este ideal, que vocês sempre encontraram, e não de encontrar pelos tempos afora, na minha pessoa o mais humilde, despretencioso e devotado sacerdote.

A este fato, e somente como uma razão de ordem puramente sentimental, e de reconhecimento ao meu devotamento; o qual não me envergonho de confessar, é que eu posso associar a ideia de vocês em escolherem este professor, cujo único apanagio é o do seu ideal, para ser padrinho, deste ato único e marcante da vida de cada um de vocês.

E eu só posso confessar, do fundo do meu coração que estou sensibilizado com o sacrifício que vocês praticaram ao adotarem esta indicação. Sim, sacrifício eu lhes digo muito bem, pois de tal forma tem sido esta escolha orientada nos últimos tempos na maioria das unidades escolares em nosso País que, a uma indicação com esta tem-se associado prontamente ao espírito, recepções, bailes, e obrigações pecuniárias com norma geral, de compromisso para o paraninfo, e, de tal modo, que se este não for bem provido financeiramente ou

politicamente — sim, porque há ainda esta possibilidade de se utilizar aquele velho tema do Rei Sol, muito ao sabor dos nossos homens; então êle se verá envolvido em compromissos que o levarão a desistir de assumir posições deste porte. Então êle recua da homenagem como defesa passiva, em benefício de sua família e dos seus proventos, reduzidos.

Entretanto, de vocês, meus caros afilhados, e este fato me honra e me sensibiliza enormemente, de vccês, eu tenho o orgulho, e me ufano de proclamar aos quatro ventos que recebo o maior título que um mestre pode receber dos seus discípulos reconhecidos.

E isto de um modo tão desinteressado que eu, nem sequer, pude recuar do convite que me dirigiram para paraninfar este ato.

E por isto, aqui me encontro, orgulhoso dos meus alunos, e venturoso neste período convulsionado e em fusão da vida da humanidade. Fixe-se o exemplo para honra desta casa...

Meus caros afilhados:

Um velho mestre, meu amigo e padrão de proficiência, tinha sempre a maneira de dizer que: a felicidade é a culminação dos desejos do homem. E se neste momento, solene e festivo, da vida de vocês, em que se celebra um ato que demarca mais uma etapa em suas existências; este ato, representa sem dúvida alguma, a concretização culminante do desejo de vocês, que foi o mais caldeado, e que sofreu os mais duros embates, na tempera, que redundou na formação de um espírito lúcido e forte do profissional que a partir deste momento surge o arquiteto.

Então, hoje, vocês estão felizes e para isto estão cheios de razão.

Mas, é preciso lembrar-lhes que, neste instante, e neste mesmo momento, há ainda um desejo que foi também caldeado, em calor mais alto do que o de vocês, porque foi o calor de uma grande fase de suas existências; que sofreu golpes mais duros e em embates mais rijos na sua tempera, e também, que se concretiza neste mesmo instante.

Assim, desta maneira existe alguém que também encontra-se sumamente feliz neste ato sublime.

Culmina-se neste momento um desejo ardente e cheio de fervor, que, anos através anos, sacrifício após sacrifício, de luta em luta, seus pais têm acalentado o ardor do artista para a sua obra, e que agora vêem concretizada.

Hoje, é, então, um dia ardentemente desejado e calorosamente feliz para os seus pais. Eu recordo-me muito bem da imagem do meu bondoso pai que no dia da minha formatura, ao abraçar-me, deixara rolar pela face uma lagrima.

Lagrima de felicidade, lagrima de alegria, lagrima de satisfação de um imenso desejo que se concretiza.

Imagem de sentimento que não me foge da retina.

Imagem de humanidade.

Imagem de coração.

Imagem que eleva o homem até Deus, diviniza e sublima a sua alma.

Eis meus caros afilhados o grande dia de seus pais.

Vocês os fizeram neste instante, sumamente felizes.

Com a objetivação deste ato, deram a seus pais uma motivação que para vocês é passageira porque amanhã se inicia uma nova era; mas, que, para seus pais não constitui apenas um sentir transitório. Eles recebem neste instante a quitação moral e o conforto espiritual de outros 20 anos de lutas de conquistas, de trabalho, e de superação das grandes desilusões do cotidiano.

Que representaram para eles estes 20 anos, decorridos, e o que será para vocês e para todos nós o futuro? Revolução, estado novo, guerra, crise, inflação ao quadrado, inflação ao cubo.

Eis a trajetória percorrida até os nossos dias. Até que potencia elevaremos a inflação não sabemos, mas ela está presente, a cada instante, em cada gesto e em toda conversação em nosso país, em nosso estado, na nossa cidade, em nosso bairro, em nossa rua, em nossa mesa e em nossas mentes. Quanto custa hoje? Quanto custará amanhã? São questões que envolvem a todos nós.

Que se passa em nosso Brasil?

Possuindo território e recursos naturais capazes de atender às necessidades de uma população 5 ou 10 vezes maior do

que a que possui, mantém em sobressalto moral, e com profundas deficiências físicas e materiais o seu atual coeficiente demográfico, tão baixo e em tão profundos e extremos padrões de vida.

Porque este País, tão ufanado pelos seus cantores e poetas e tão bem suprido pela dádiva dos Céus, não oferece à sua gente, não dá aos seus habitantes a abastança com seus recursos, e a felicidade com os dons de sua natureza?

Ora, dirão, meus senhores, porque vem isto a lume no momento tão solene deste ato, que se celebra neste instante?

Isto vem naturalmente, dir-lhes-ei, porque sabe tão bem ao profissional Arquiteto, que não poderíamos fugir de analisar o assunto, neste instante.

E estes meus afilhados também conhecem, como conhecem todos aqueles que abraçaram tão nobre profissão, que a função social do arquiteto, o papel do arquiteto na sociedade, é a de, conhecendo-a em todos os seus detalhes, investigando-a em todos os anseios, sentindo-a em todas as suas fazes; analisá-la, conceituá-la e interpretando-a como porta voz a súmula da sua análise, objetivar seus ideais de vida, plasmando os seus edifícios, não só com a precisão de um técnico, com a frieza de um cientista, e a alma de um artista; mas, com tudo isto, e mais, o espírito elevado e culto do sociólogo que presculta a sua alma e objetiva seus anseios de felicidade e de ideal, corporificando-as no massiço dos seus edifícios, no traçado de suas cidades ou no racional aproveitamento dos seus arredores, dos seus campos, e das suas regiões.

Observem um edifício, uma rua, uma cidade ou o campo, e vejam se este edifício, esta rua, esta cidade ou este campo não refletem, nas suas variedades morfológicas, no seu aspecto físico, nas suas características materiais; os usos, os costumes, as índoles naturais e o estado de cultura de civilização dos seus elementos humanos.

Vejam como refletem em nossas almas a solidão, a pobreza e a lassidão que nos empresta uma cidade do interior de nosso Estado, e confrontemos este aglomerado humano com uma aldeia selvagem em Goiás ou em Mato Grosso.

Depois vamos nas mesmas condições analisar na América do Norte, por exemplo, que tanto e em tantas cousas vem ultimamente influenciando o nosso meio; e vejamos o que decorre desta análise.

Definimos assim 3 grandes etapas da história da civilização.

Na aldeia selvagem, vemos o homem primitivo, no estágio inicial da civilização. Nela vemos refletidas e objetivados os mais elementares anseios do homem inculto e primário, cuja forma de felicidade única, restringe-se em atender as exigências mais elementares da vida, que para êles limita-se em auferir e usufruir a liberdade e a natureza.

Forma primária refletida em exigências primárias.

Então sua aldeia, simples abrigo, e de objetivação elemental reflete suas ideias de ambição e seu conceito de vida.

No lado oposto, vejamos uma pequena cidade do interior da América do Norte, onde meios de comunicações rápidas e eficientes, sistema viário planejado para atender às suas necessidades, e ao mesmo tempo colocar os seus habitantes em contacto, a qualquer momento, com os seus grandes centros urbanos, reduzindo desta forma as distancias, em função do tempo, suprida por uma perfeita linha de equipamento urbano além de usufruir todas as vantagens que a ciência e a industria, põem ao dispor da humanidade nos dias atuais; esta pequena cidade, apresenta em seu aspecto geral, as características que refletem os elevados padrões que resente um novo culto e progressista, consciente dos seus direitos para satisfazer seus requisitos de felicidade — exigência primordial a que devem atender as cidades em todas as fazes da civilização para auferirem preferência dos seus cidadãos — suprimindo de satisfação as necessidades dos seus habitantes.

Então esta cidade, de objetivação racional e atualizada, suprida dos mais modernos recursos que as ciências e as artes criaram para atenderem às exigências da humanidade nos tempos atuais, reflete em seu aspecto geral, a ambição e o elevado grau de civilização dos seus habitantes. Em seus arredores, nos campos que circundam a cidade, então localizadas modernas propriedades agrícolas, supridas por energia elétrica, com

instalações adequadas e conforto capazes de prodigalizar ao homem que cultiva a terra, condições de vida e de comodidade idênticas ao homem da cidade, evitando desta maneira distúrbios na produção que comprometam a vida econômica da nação.

Este homem está satisfeito e feliz, contribui com todo seu ardor para o bem estar da coletividade.

Há meses atrás, tive ocasião de mostrar a vocês, meus caros afilhados, a interpretação de um arquiteto americano sobre um tema arquitetônico, edifício legislativo — na qual, deixamos patenteada a maneira de sentir o problema, como conceito de um povo que admite e respeita o poder do estado, no mesmo plano em que cultua e pratica a religião.

Destaquei então a expressão do simbolismo nos edifícios públicos para com o povo.

Então dizia o Arquiteto Lorimer Rich autor do capítulo da obra de Hamlin “Formas e Funções da Arquitetura do século XX”. Um edifício do legislativo — Capitólio — deve sempre satisfazer ao cidadão mediano, identificando-o com o edifício que é a casa do governo ... e simbolizando uma instituição que exige dele a sua profunda lealdade.

Ora, transportemos este estado da alma para o nosso meio e que desilusões teremos na confrontação com as nossas condições reais o pensamento da nossa coletividade.

Daí a razão da nossa interrogação de há pouco.

Que se passa em nosso Brasil?

Porque será que domina a nossa gente um estado de espírito em que vemos a cada instante, nas fisionomias dos que cruzam conosco nas ruas, nos transportes, em todo canto da cidade e do país; a apatia, faces macilentas, parecendo aquele mal de nostalgia que afligia os pobres escravos transportados de suas aldeias da África — O BANZO.

Ha acabrunhamento, há tristeza estampada na face de nossa gente.

Ha amargura, há desilusão, há fel nos trechos de conversação apanhados aqui e acolá de nossa cidade. Há pessimismo, ha encarecimento, ha dificuldades patentes de tudo e para todos.

Que se passa em nosso Brasil?

Interrogamos novamente.

Há realmente uma crise que avassala o mundo; mas um mundo em recuperação de uma guerra catastrófica, e que se premune para outra.

Mas porque esta crise afetou tão incisivamente o nosso País?

Dois problemas, em potencial, existem realmente, com um porte que se agiganta a cada instante e que compromete o futuro do País.

Um de ordem material...

Outro de grandeza humana...

O primeiro de ordem material, prende-se a um fato que reputo virgem na história de uma nacionalidade.

O Brasil, país essencialmente agrícola, no slogan tão decantado e aceito pelas gerações passadas, encontra-se em preparativos a um travesti de nação industrial.

É justo, e é lógico que na segunda metade do século XX, vivendo em pleno apogeu da idade industrial, na história da humanidade, nosso país sincronize os ponteiros com os das grandes nações do mundo, em direções a industrialização generalizada, como norma de sobrevivência. É justo, é lógico e é humano.

Necessita a Nação de máquinas, motores e equipamentos, mecânicos e industriais capazes de dinamizar suas fontes de riqueza, seus mananciais de matéria prima e de recursos naturais.

Mas, o fato de que esta orientação deva prevalecer nos homens de pensamento e visão do nosso País, não deve abolir de maneira alguma, o problema da realidade da utilização da terra. Muito pelo contrário. Em virtude do crescimento exagerado e descompensado das nossas cidades, pela carência de mão de obra, nas organizações industriais, cresceram por outro lado os compromissos e as necessidades de suprimento da terra.

E o que assistimos em torno deste problema — Terra.

Métodos absoletos de exploração e de cultivo.

Faixas colossais de glebas incultas e desmatados, destruídas pela erosão e pela exaustão.

Propriedades rurais de extensões fantásticas inacessíveis à exploração, aguardando vantagens econômicas de uma valorização espontânea sem que lhe sejam adicionados benefícios ou benfeitorias.

Hostilização do meio físico, em virtude das variações climáticas, e das condições econômicas.

Resultados de todos estes fatores — migração rural, êxodo, e conseqüentemente completo abandono dos campos, acarretando, com isto, todos os malefícios e suas influências na vida econômica e social nas cidades do Estado e do País. Como demonstrar, este problema aos nossos homens de visão e da administração.

Vejamos o exemplo da América do Norte.

Liderando os organismos industriais no mundo de hoje, a América possui condições de sistematica na sua vida rural capazes de permitir e este País contratar a venda de excedentes agrícolas e outras nações do globo; inclusive o nosso País, além de oferecer à seus habitantes, padrões de vida dos mais elevados da época atual.

Já há algum tempo, que li uma expressão de um escritor patricio onde êle comentando a situação do País, arrematava com esta expressão o seu trabalho. "O Brasil exporta arquitetos e importa batatas", reportando-se ao convite feito a um nosso colega por um País de velho mundo.

Esta expressão, a primeira vista pode parecer humilhante para nossa profissão, mas na realidade ela constitui um retrato fiel de nossa situação, no país.

Ante a incompreensão do meio, ante a retração dos administradores face ao conhecimento mais aprofundado de análise do meio social, e das suas condições físicas, visando um planejamento conjunto, não há porque fugir em atender a outros países, mais compreensivos, no estado e no planejamento de seus problemas.

Afirmamos neste instante que, em matéria de planejamento urbano e rural, o "Amenagement des territoire des franceses, o Town and City Planing" dos americanos e ingle-

ses, estamos em nosso País em condições semelhantes ao da humanidade no período que precedeu a Pasteur, no campo da microbiologia. Então, os homens e animais transmitiam doenças, sem que fossem conhecidas as causas. Grandes males destruíam populações inteiras, sem que os homens possuíssem instrumentos capazes de refrear a onda funesta de malefícios que molestavam os seus entes queridos. Daí associarem os danos aos máus ares e máus espíritos.

Só com a aplicação generalizada dos conceitos obtidos pelos estudos daquele sábio, fruto de seus estudos, de suas análises e suas pesquisas, pôde a humanidade conhecer as causas e derivar os efeitos, no campo da maioria das doenças que atacam os organismos humanos.

Hoje os países mais adiantados do globo, aplicam os enunciados e princípios que os ensinamentos da ciência e arte do planejamento indicam; os trabalhos iniciais de levantamento de dados, às pesquisas seguem as análises, que definem valores que irão orientar o sentido dos planos e da situação do problema; e em consequência pretendem oferecer aos seus habitantes condições de vida no campo e nas cidades, condizentes com os conceitos de vida inerentes aos seres humanos.

Hoje em nosso país, no campo do planejamento urbano, como no período anterior a Pasteur, no campo da microbiologia, procura-se, como então, fazer uso de processos como os do ferro em brasa na cicatrização de feridas, e dos banhos e benzeduras na cura de doenças do corpo, fazendo-se aplicação de soluções suasórias e demagógicas para as feridas do meio social, levando-nos a condições de pagés, de tribus modernas, fazendo-nos aplicar método e projetos medíocres à problemas que exigem soluções grandiosas...

Este é o problema de ordem material que aludí linhas atrás.

O outro, é o de princípios da grandeza do espírito humano.

Para este, de todos sobejamente conhecido, cabe aqui, neste momento, e nas atuais circunstâncias do país, esta invocação ao Divino Mestre.

Supremo Artífice da obra grandiosa da Criação.

## O Universo

Utilizando uma ordem de dimensões e de grandezas para as quais as modestas unidades da escala humana alcançam índices incomensuráveis — O infinito. Ele, o Supremo Arquitecto do Universo, concebeu e planejou espaços e mundos que ainda hoje desafiam a inteligência humana.

Fontes energéticas de origens desconhecidas.

Energia — Vida e que ante sua ignorância o homem se curva à obra do Criador, supondo Criador e criação em uma só expressão.

Senhor! Vós que nesta obra de criação adotastes escalas de grandezas infinitas, dotai Senhor! o espírito humano, na hora presente, de sentimentos elevados modulados em valores condizentes com a grandiosidade desta Obra, para a felicidade da Bahia, do Brasil e do Mundo...

Meus caros afilhados.

O exercício da profissão de arquiteto, deve possuir em cada país, características próprias ao meio, sem quebra da unidade profissional que é privativa da sua especialidade.

É o exemplo do que ocorre com o sacerdote, que possui uma missão única; mas que, em cada região do globo, em cada país, em cada cidade ele toma posições que assegurem o exato e preciso cumprimento desta missão.

Si em cada país da Europa, ou da América, o arquiteto possui no meio social o seu lugar de destaque, é porque, a nossa profissão, nestes países, não sofreu seção de continuidade na sua sequência histórica. Desde os mestres do passado, até os profissionais de nossos dias, definitivo tem sido o lugar conquistado pelo profissional arquiteto no conceito do povo e da sociedade daqueles países.

No nosso país, e principalmente em nosso Estado, muito diversa é a situação. Profissional que, durante séculos, pouca ou nenhuma ingerência houve na nossa formação social; a não ser através os reduzidos exemplos dos Mestres de Risco e de Traçado português, e de profissionais isolados europeus que aqui apontavam, deixando pequenas marcas objetivas de sua passagem, a profissão de arquiteto, sempre foi atendida pelos

trabalhos de engenheiros de um modo geral, entre os mais afeiçoados ao traço e ao desenho.

Assim temos, em um lampejo analítico o retrato da profissão na Bahia.

A nossa Escola, disto representa um marco inconfundível na sua trajetória.

De 1877 quando foi fundada, há 79 anos portanto, no início, pouca e reduzida foi a sua produtividade no campo do ensino da arquitetura. Da fase inicial de suas atividades dois nomes se destacam entre os diplomados em Arquitetura. Um, o mais antigo, o meu velho mestre, Navarro de Andrade, hoje professor aposentado da Universidade, um profissional que, pelas suas raízes fundamentadas em puro academismo arquitetônico, reagia positivamente no sentido do aprimoramento dos seus alunos. Mestre Navarrinho aqui deixa transparecer a amizade sincera e amiga daqueles tempos, que de discussão em discussão mais alicerçava o sentido sincero que une os homens de bem.

Outro é o professor Arquiteto Carlos Sepúlveda que vocês conhecem no curso que ultimam.

Depois destes conheci na Escola, vários outros colegas que às deficiências do meio e ao desconhecimento da profissão por parte da sociedade, procuravam armar-se de recursos capazes de vencer os seus problemas pessoais como meios condizentes com a época que viviam.

Mas, um marco conheci, na Escola, que a mim, então primeiranista de engenharia, abriu a picada grosseira e cerrada que ocultava a estrada, que neste momento e neste instante fixo mais uma estaca da minha vida.

O professor Oscar Silva Lima, hoje aposentado pela Escola, arquiteto por autodidatismo, mas uma fonte plena de idealismo e devotamento à inspiração desta arte suprema que é a Arquitetura.

A seguir conheci, o Arquiteto Helio Duarte, hoje na orientação do Escritório de Planejamento da cidade Universitária de S. Paulo, e professor da sua Faculdade de Arquitetura, então, a serviço do Banco Lar Brasileiro, nesta cidade, foi

com que sedimentei a vocação e o idealismo que anos a fio venho dedicando à profissão.

O que foram os anos de amizade e de compreensão mútua, nascidas do nosso conhecimento e da luta pela causa comum, que era a vitória da profissão, os conceitos de arquitetura, e a prática do planejamento, acham-se traduzidos na atividade cultural do Helio Duarte naquele período e em nossa Cidade. Conferências, aulas e cursos de complementação e divulgação na Escola de Belas Artes. A publicação de uma série de artigos sôbre a evolução das cidades e de entrevistas nos principais órgãos da nossa imprensa, e o entusiasmo na constituição do "Centro de Estudos Bahianos" cuja finalidade principal fixava, em torno do estudo de análises e pesquisas de fatores sociais, em nosso meio.

A sua luta em prol de um Plano Diretor para nossa Cidade. O que representou para mim a sua amizade e o seu entusiasmo contagiante e estimulador eu o guardo, em uma série de cartas que permutamos quando por necessidade da profissão.

Foi de uma das suas cartas, em resposta a uma que enviei onde relatava dificuldades da nossa luta aqui em nosso meio, que extrai este trecho que leio: "Caro Walter: "é malhando que o aço se retempera, e é ainda na luta que se reconhece o Homem. Tudo por fazer, tudo quase por demolir. O sucesso virá depois, não para nós, nem para a nossa geração — e sim para outros. Somos se permite a expressão, como as *raízes* de que fala Corrêa de Oliveira.

Por cada dor sofrida

Abre lá em cima

O riso de uma flor

Que nunca vemos...

Somos o ignorado amor:

Que ninguém ama.

Meus caros afilhados:

Quanta grata recordação nos traz à tona aquela época na Escola.

O ambiente de coleguismo que existia entre os diversos cursos, a ponto de, aos domingos, dedicarmos ao trabalho com

pá e picareta, no preparo do nosso campo de esportes, auxiliados pela turma feminina que tratava da boia e dos gelados.

A compreensão entre alunos e mestres-amigos, unidos pelas deficiências da época, e pelo ideal comúm. Pintores como Presciliano, Valença e Mendonça; Engenheiro como o velho Simas, Leopoldo Amaral, Aristides Gomes, Saraiva, Tito e Caetano; Arquitetos como Navarro de Andrade, Helio Duarte e Carlos Sepúlveda; Escultores como Pasqual del Chirico; Médico, Octavio Torres, Bachareis em direito como Conceição Menezes e Albérico Fraga, Dentista como Oscar Silva Lima; toda esta pleiade de homens mobilizada pelo destino, para argamassar e preparar a pasta que via corporificar o artista.

E para vocês caros afilhados quanto já realizaram, e quanto ainda temos que lutar pela profissão que abraçaram.

Quanto tema surge a cada instante neste país deficiente de tudo.

Planejamento urbano e rural.

Arquitetura social.

Habitação popular.

Escolas, hospitais, propriedades urbanas e rurais, industriais e comerciais.

E a vocês meus caros afilhados pintores, também cabe uma tarefa primordial nesta fase angustiosa da realidade nacional. Vocês com o auxílio sublime de sua arte podem compartilhar conosco nesta obra de elevação moral de benefício coletivo.

Meus caros pintores, artistas da imagem e na criação da palheta, vocês podem contribuir com a sua arte, deixando ressaltar nos reflexos dos seus trabalhos as características atuais dos problemas do país. Ora o depauperismo angustioso de nossa gente, ora o problema da habitação popular no seu triste estágio atual, ora fenômenos dos campos que chocam os homens de mando — As sêcas, o exodo, o solo ressequido e abandonado. Para que estas imagens de sofrimento impressas em telas, ou em murais e afrescos possam chamar o homem à realidade... à verdade dos fatos, despertando seus sentimentos de humanidade para o bem da coletividade. É uma obra social de envergadura para a qual vocês poderão contribuir

com a arte. Mas, meus caros afilhados de nada temam, nesta luta pelo bem comúm, porque hoje as raízes já estão lançadas, em terra fértil e dadivosa...

A marcha para a industrialização do Brasil irá forjar uma elite de homens de bem, homens honestos, homens capazes e cultos, que constitui a matéria prima humana imprescindível ao próprio caráter das indústrias, em prol do seu soerguimento econômico.

Os processos amorais, das disputas desiguais irão por terra, ante as exigências do progresso.

E assim, só assim, transforma-se-á este país de gigante adormecido em obreiro da humanidade.

Vocês são um exemplo real deste fato.

Confiar no Brasil, porque no Brasil de hoje, em uma de suas Universidades, a nossa a da Bahia, já se pode expressar desta maneira, objetiva e inaccessivamente sôbre estes nossos problemas.

Não são palavras de leigo ou de demagogo...

E a palavra da cultura, da ciência, e das artes em prol de uma humanidade, sadia e feliz.

E só assim, poderemos plasmar o objetivo.

Daquele que há dois milênios, pregava:

Amai-vos uns aos outros...